



Recebido em 14/03/2022

Aceito em 07/08/2022

<https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i40.42305>

DOSSIÊ

“Pagodeiras Desenfreadas”: Sambas, Lazer e Controle Social na “Paris dos Trópicos” (1896-1919)

“Unbridled Pagodeiras”: Sambas, Leisure and Social Control in the “Paris of the Tropics” (1896-1919)

Josivaldo Bentes Lima Júnior

Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino (AM)

<https://orcid.org/0000-0003-2574-1879>

RESUMO: Este artigo analisa os mecanismos de controle sobre os sambas em Manaus, durante o período denominado *Belle Époque* amazônica (1896 - 1919). Para tal, empreendeu-se uma pesquisa investigando os diferentes significados e sentidos dos sambas para a imprensa, para a polícia e, em alguma medida, para os seus apreciadores. As fontes jornalísticas evidenciam as sucessivas tentativas da imprensa em atribuir aos sambas uma conotação criminosa. Com efeito, os jornais foram instrumentos usados para denunciar à polícia os incômodos e os perigos causados por essas práticas populares de lazer, desnudando a política civilizadora das classes dominantes com intencionalidades de urbanização e modernização aos moldes europeus pelos quais passava a “Paris dos Trópicos”, em detrimento dos costumes e dos hábitos de uma população que insistia em não aceitar o projeto avassalador de mudança social.

PALAVRAS-CHAVE: Samba. Controle social. Manaus.

ABSTRACT: This article analyzes the sambas over control mechanisms in Manaus, during the period called *Belle Époque* Amazonian (1896 - 1919). For such this research was undertaken investigating the different meanings and the sambas meanings for the press, the police and to some extent, for their lovers. The journalistic sources show the successive press attempts to attribute a criminal connotation to the sambas. In fact, newspapers were instruments used to denounce to the police, the discomfort and dangers caused by these popular leisure practices, laying bare the ruling classes civilizing politics with the urbanization intention and modernization in the European molds through which the “Paris of the Tropics” passed, to the detriment of the customs and population habits that insisted on not accepting the overwhelming project of social change.

KEYWORDS: Samba. Social control. Manaus.

Introdução

*Gol, mais um gol
esse time não pode perder
A seleção do meu samba
ninguém consegue vencer¹*
(Chico da Silva/ Venâncio)

Na casa de Theophilo Joaquim, onde havia um samba, João Tertuliano e Joaquim Marques altercaram, tendo este vibrado uma facada no terço superior da face externa da coxa esquerda daquelle (DIÁRIO OFFICIAL, 1896). Reclamam as famílias moradoras á rua dos Barés contra um samba infernal que todas as noites é feito no botequim Rita (QUO VADIS?, 1904). O samba é inimigo do sôcego público. É o ferrenho perseguidor dos trabacudôres da vida, daqueles que após o trabalho insano do dia agro buscam a casa como um doce repouso, um venturoso descanso ás fadigas recebidas (JORNAL DO COMMERCIO, 1910). Cousas cabulosas: o samba que dá todas as noites o Henrique, da avenida Ayrão (A MARRETA, 1913). Á noite, no biongo de Benedicta cara preta, disque haver um samba grosso. Mas nada cantava. Grande beberagem sem música, mulheres feias e nada mais (O CHICOTE, 1913).

O mosaico de notícias jornalísticas veiculadas por cinco diferentes jornais de Manaus não representa situações isoladas. Consiste, de fato, em interpretações bastantes difundidas à época sob o viés de um projeto autoritário que realiza(va) mudanças sociais desconsiderando os modos de vida das populações que seriam mais drasticamente afetadas: as mais pobres. As referências aqui arroladas convergem para os perigos dos “sambas” aos ideais republicanos: a ausência de ordem e a proliferação da criminalidade, em contradição ao modelo de vida parisiense improvisado para Manaus, que naquele momento despontava mundialmente como a “cidade da borracha”, a “cidade moderna”, a “Paris das Selvas”, ou ainda, a “Paris dos Trópicos”, graças aos “investimentos propiciados pela acumulação de capital, via economia agrária extrativista-exportadora, especialmente a partir da economia do látex” (DIAS, 2019, p. 29). Contudo, o projeto de modernidade para Manaus encontrava grandes empecilhos: os costumes e os hábitos populares.

Para Sidney Chalhoub (2012, p. 253), “políticas de exclusão aos hábitos populares desnudam um projeto ‘totalizante’ que revela os interesses das classes dominantes para que o país se inserisse no ‘progresso’ e na ‘civilização’”. Esse projeto contava com um importante apoio: a imprensa jornalística. Ao estudar sobre clubes recreativos cariocas nas duas primeiras décadas do século XX, Leonardo Afonso Pereira (2002) escreveu que os clubes dançantes se proliferaram à época. Os formados em sua maioria por pessoas de baixa renda eram alvos constantes de cuidado e repressão, registrados em páginas policiais dos grandes jornais do Rio de Janeiro.

¹ Canção “Esquadrão do Samba”, do álbum “Chico da Silva” (1978). Chico da Silva é considerado um dos maiores sambistas do Amazonas e também um dos grandes compositores de toadas dos bois-bumbás de Parintins.

João José Reis (2002), ao escrever sobre a festa negra na Bahia, na primeira metade do século XIX, assinala o caráter de celebração dos valores culturais trazidos pelos africanos e recriados pelos baianos, cujos sentidos e resultados podiam ser interpretados como oportunidades de romper com as horas de trabalho. Para o autor, “a festa negra gerava precaução por parte dos brancos, uma vez que ela poderia eventualmente evoluir para rebeliões negras, muito comuns ao longo da primeira metade do Oitocentos na Bahia” (REIS, 2002, p. 101). O autor lembra que, com a República, os costumes da época eram entendidos como bárbaros diante do projeto abraçado pelas elites de civilizar a província.

No Maranhão, Carolina Martins (2021, p. 334) constatou que, nas notícias sobre os sambas, a cor dos frequentadores era sempre acionada para reforçar os perigos da continuidade dessas práticas de divertimento, termos “como ‘negrinhas’, ‘danças de negros’, ‘negralhada’ eram comuns na linguagem jornalística dos anos finais do século XIX, em São Luís, para demonstrar que a cidade civilizada não poderia mais conviver com esses costumes considerados bárbaros”. Nas notícias aqui arroladas, esses aspectos também foram mencionados, além de instrumentos musicais e a presença de sambas em determinados lugares – o Quilombo de São Benedito.

Amailton Magno Azevedo (2018, p. 46) nos ensina que “a cultura negra nas Américas se desdobrou numa pluralidade e multiplicidade de expressões culturais que reposicionou o estilo negro onde a ‘África’ é ponto de partida e de chegada”. Os ensinamentos do autor são importantes para refletir sobre as dimensões diaspóricas africanas no Brasil, a exemplo do samba, designado por ele como um “estilo negro” em suas dimensões rítmicas e corporais. Amailton reforça que “durante as primeiras décadas do século XX, o samba era considerado música inferior, primitiva e lasciva” (AZEVEDO, 2018, p. 49).

Assim, o emprego negativo do termo “samba” reflete que o contexto de repressão social tem muito a ver com as fronteiras fluidas da escravidão e da liberdade, em ações políticas do Estado brasileiro que contribuíram para a desigualdade racial – por conseguinte, social, política e econômica –, no processo de emancipação, como bem ressaltou Hebe Mattos (2013): a abolição foi/é um “drama”. Isto é, os racismos – presentes ainda no século XXI –, superdimensionados pelas classes dominantes, não são nem um pouco ingênuos. Eles têm história! A imprensa jornalística, por exemplo, foi parte fundamental nesse processo.

Como ensinam Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007), historicamente, o papel da imprensa está associado aos interesses das elites burguesas e do capitalismo moderno. A imprensa, portanto, deve ser interpretada não apenas como fonte histórica, mas agente da história, pois age, em grande parte, moldando opiniões, criando imaginários e reforçando estereótipos; ações políticas orquestradas pelas classes dominantes.

Em Manaus, o projeto civilizador teria consequências diretas para os setores populares da cidade, decorrentes de transformações sociais impostas pelas políticas de expulsão dos indesejáveis, pois “visava impor mudanças não só materiais, mas em todo modo de vida” (CHALHOUB, 2012, p. 253). Contudo, o testemunho histórico é de resistência as essas mudanças, a exemplo dos “sambas”, enquanto política de luta pelo

direito ao lazer dos trabalhadores mediante às condenações que sofriam por parte da imprensa, que combatia sistematicamente essas demonstrações “primitivas” de diversão na “Paris das Selvas”.

Diante das restrições das fontes sobre o tema, isto é, a ausência de narrativas verbalizadas pelos indivíduos envolvidos nos divertimentos populares, este artigo, por meio das notícias jornalísticas, analisa os mecanismos de controle social sobre os sambas², em Manaus, em plena *Belle Époque* amazônica, percebendo os seus significados para a imprensa e para a polícia, sugerindo, em alguma medida, os sentidos e os valores das “pagodeiras desenfreadas” para os seus agentes e apreciadores.

1 – A Paris dos Trópicos “infeccionada” pelos sambas?

A ideia de modernidade e progresso que provocaria novos modos de viver em Manaus já vinha sendo construída desde meados da década 1850 por observadores que estiveram na região a serviço do presidente da província Herculano Ferreira Pena, todavia, foi somente em 1890 que a cidade sofreu o primeiro surto de urbanização, graças à economia do látex, que impulsionou as exportações, elevando sucessivamente os preços dos produtos exportados. Contudo, “Manaus não estava preparada para assumir suas novas funções de capital mundial da borracha” (DIAS, 2019, p. 36). Edinea Mascarenhas Dias (2019) ressalta que o processo de modernização, ao atender os interesses do capital financeiro internacional, acarretaria em grandes transformações: materiais, espirituais e culturais. Em outras palavras, apoiado pelo poder público do Estado, o processo de urbanização na cidade de Manaus ganhava contornos sociais com foco na visão dos seus idealizadores: prédios antigos dão lugar a construções suntuosas: lojas, teatros, cafés, cinemas, armazéns etc. “Civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração” (DIAS, 2019, p. 31).

Com efeito, esse cenário econômico de expansão extrativa da borracha entre 1880 e 1910, segundo Luis Balkar Pinheiro (2014, p. 6), “contribuiu para a afluência de um volume considerável de trabalhadores para a região, cujo impacto tem sido sempre aferido pela lógica do seringal e de seus imperativos de produção”. O autor refere-se a uma expansão populacional – de 5 mil habitantes, em 1850, para 75 mil, em 1920 – tanto de imigrantes estrangeiros, como de nacionais, que modificou “significativamente a face da cidade, tornando-a menos provinciana e mais cosmopolita”. Contudo, assinala que “faz-se necessário o reconhecimento de que esses novos personagens terminaram por produzir e aprofundar contradições e clivagens sociais nunca antes percebidas em tal magnitude” (PINHEIRO, 2014, p. 7). Decerto, “o progresso estaria marcado nas lutas e nas fisionomias dos excluídos” (PINHEIRO, 2015, p. 54).

No processo de modernização, dentre as construções ou reformas de grandes obras públicas, certamente uma se destaca na história de Manaus: o Porto. Segundo Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015), as melhorias no Porto, realizadas com tecnologia inglesa – até então usadas somente em Sidney, na Austrália –, eram um

² Antes de se firmar como gênero musical, especialmente a partir do “samba carioca”, em 1917, com a música “O Telefone”, o termo “samba” fora usado para se referir às diversões de populares: batuques, canções e danças de rua. Por isso, procurei usá-lo no plural.

empreendimento extremamente caro e arrojado para a época. Enfim, tudo era feito para embelezar Manaus, o coração do Amazonas, para demonstrar a sua modernidade. “O modelo de inspiração foi a Europa, especificamente Paris – com seus boulevards, pontes de ferro, mercados, calçamentos, os grandes magazines” (DIAS, 2019, p. 45).

Nesse contexto de progresso, com grandes construções, como o Teatro Amazonas, “a imagem viva de um passado fausto” (DIAS, 2019, p. 78), Manaus passou a intensificar os mecanismos de controle e disciplinadores contra a desordem social. Os Códigos de Posturas Municipais são um exemplo disso. Eles tratavam sobre diversos temas presentes no cotidiano da cidade: moradia, limpeza urbana, segurança pública, atividades comerciais, hábitos de higiene etc. Esses mecanismos determinavam como os habitantes deveriam agir nas ruas da urbe. Em outras palavras, eles foram instrumentos utilizados para garantir a ordem no convívio social, procurando disciplinar os espaços públicos, pois “serão os códigos de posturas municipais, formulados pelas autoridades locais, que regularão o dia a dia da população” (WEBER, 1992, p. 08).

Ilustrativo desses argumentos é o art. 111, do Capítulo IX, do ano 1896: “É proibido, sob pena de 20\$000 réis de multa ou 1 dia de prisão, fazer batuques, *sambas* ou divertimentos desta ordem quando perturbem o sossego público” (SAMPAIO, 2016, p. 131, grifo meu). Assim, a imprensa, por meio de jornais amazonenses, foi fundamental para denunciar e estigmatizar um dos maiores inimigos da ordem pública: os sambas.

Os periódicos citados na introdução deste texto estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Levando em consideração o que ensinam Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007), o tratamento das fontes foi realizado observando as especificidades das notícias, isto é, uma interpretação mais ampla das fontes: atentando aos títulos das notícias, verificando outros assuntos em que pudessem estar relacionadas e observando as “minúcias”, como figuras e símbolos, presentes na nota. Consoante essas orientações, observa-se, de imediato, na primeira página da edição do dia 16 de agosto de 1910, do *Jornal do Commercio*, ao lado do título da matéria sobre “O samba”, um inseto: a mosca. Uma metáfora usada pelos articulistas do periódico para denunciar por meio de uma coluna tudo o que lhes causavam incômodo. Sob esse prisma, o jornal, em sua extensa narrativa, afirma que “o samba é um dos mais males que mais infeccionam Manaós, á noite”. Na narrativa, percebe-se a presença de dois grandes incômodos às elites da borracha: os sambas e as moscas.

Conforme Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015, p. 77), eram bastante populares diversas práticas de lazer em Manaus: quermesses, folguedos juninos, banhos de igarapés, futebol. Contudo, “além das pressões que o poder público [por meio das posturas municipais] exercia sobre as atividades de lazer popular, essas atividades sofriam também a preconceituosa condenação moral por parte de um setor da imprensa manauara, travestida de guardiã dos bons preceitos sociais e representantes da cultura erudita”.

Não é difícil encontrar notícias nos jornais relacionando os sambas às algazarras, às desordens e, em grande parte, aos assassinatos, incluindo fatos ocorridos em várias outras regiões do Brasil. Sob o título “Em uma samba – panellada fatal”, o *Jornal do Commercio* (03/05/1912, p. 3) registra um assassinato ocorrido no estado do Ceará, depois de indivíduos terem improvisado um samba, o que acarretou em uma

briga entre João Theodósio e José Antonio, que durante a “celeuma, ouve-se a denotação de um tiro de revólver, justamente na ocasião em que os valientes se achavam atacadados”. Ferido por arma de fogo, João faleceu e José fora preso, embora tenha negado a autoria do crime. No mesmo periódico, há episódios em cidades do interior do Amazonas, como Parintins e Humaitá, e aqueles envolvendo sambas nos seringais, como o de “um novo assassinato registrar-se Inauhiny”, ocorrido “no seringal Estação, sendo figura saliente o seringueiro Leopoldo de tal, que tem hoje nas costas um crime de morte. Começou num samba, alta noite, depois que o álcool subira á cabeça de uns tantos convidados” (JORNAL DO COMMERCIO, 22/03/1917, p. 1).

Apropriando-se de uma linguagem de fácil compreensão, o objetivo da imprensa era mostrar os perigos causados pelos sambas, usando como exemplo situações sucedidas em outros estados brasileiros; também em lugares onde não haveria policiamento ostensivo, portanto, “incivilizados”. A estratégia do jornal parece ser a de prevenir que essas práticas festivas se proliferassem pela capital do Amazonas. Assim, além de estigmatizarem o samba, os lugares, o jornal também condena a população pobre da cidade, fazendo um claro contraponto aos ideais “civilizatórios” eurocentrados.

O sarcástico periódico *O Chicote* (04/10/1913, p. 1) noticia que seu articulista foi “á noite, no biongo de Benedicta cara preta, disque haver um samba grosso [...], mas nada cantava. Grande beberagem sem música, mulheres feias e nada mais!” Não se pode garantir que tipo de diversão acontecia no local, contudo, é possível inferir que o samba fizesse parte das vivências de populares, de homens e de mulheres, em ambientes que vendiam gêneros alimentícios e bebidas alcoólicas. Também, se, não se pode afirmar que era gente negra, pode-se afirmar, pela característica da organizadora, que havia pretos encabeçando. No mesmo ano, o jornal *A Marreta* (12/01/1913, p. 4) publicou sobre “o samba que dá todas as noites o Henrique, da avenida Ayrão”. A notícia está na coluna “Cousas Cabulosas”. Leia-se: uma cena assustadora, azarada e até mesmo associada à morte.

Contudo, a mais antiga notícia encontrada sobre os sambas remete ao final do século XIX, em pleno contexto de migração de trabalhadores brasileiros para Manaus. Segue em grande parte a sua transcrição.

A's 4 horas da madrugada de hontem, na rua dos Tocos, na testada da casa de Theophilo Joaquim dos Santos, onde havia um *samba*, os indivíduos de nome João Tertuliano da Silva e Joaquim Marques dos Reis altercaram, tendo este vibrado uma facada no terço superior da face externa da coxa esquerda daquelle. (DIARIO OFFICIAL, 30/04/1896, p. 01 grifo do jornal).

A notícia, ainda que pequena, está inserida na coluna sobre a segurança pública, em primeira página do jornal. Assinada pelo chefe da instituição, Abel de Souza Garcia, finalizou dizendo que “o ofendido foi recolhido ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia”, e que “o sub-prefeito de Segurança do 3º districto desta capital, tendo conhecimento do facto, procede a respeito ás devidas indagações”. A narrativa do periódico retrata as posturas que se tornariam cada vez mais frequentes para combater os sambas e, assim, impedir as “infecções” ocasionadas por suas “picadas”.

2 – Entre o lazer e a repressão: “pagodeiras desenfreadas” na cidade da borracha

Sidney Chalhoub (2012, p. 254) ressaltou que, no Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do posterior, a emancipação de escravos e a ação política de incentivo à imigração de europeus foram processos que almejavam um projeto amplo da República, essenciais do mercado capitalista que visava transformar o homem pobre e livre em trabalhador-assalariado, isto é, fonte de acumulação do capital, o que o autor considera como uma “nova ética do trabalho”, pois o projeto de exploração econômica acionava mudanças “espirituais”. Apesar disso, ainda conforme Chalhoub, o projeto que se aplicaria a todos os membros da “nação”, revelava uma complexidade de significados: “resignação e revolta, aquiescência e insubordinação, solidariedade e lutas intestinas”.

Nesses processos e significados, duas cenas inevitáveis: o lazer e a repressão policial. É o que demonstra o caso ocorrido no centro de Manaus:

Hontem, as 10 1,2 da noite, na casa número n. 47, na rua Dr. Moreira, onde costuma haver uns sambas perturbadores da ordem pública, houve grosso e infernal sarilho, conseguindo a polícia prender os desordeiros Joaquim Ferreira e José Antonio que terminaram a pagodeira na casa branca da serra...O agente Gueiros impediu, depois das prisões a continuação do samba. (JORNAL DO COMMERCIO, 29/08/1910, p. 2).

A nota do jornal é bastante reveladora. O *Jornal do Commercio*, importante veículo de comunicação, contribuía para a desqualificação dos sambas, denunciando-os e ressaltando a necessidade de intervenção policial para coibir as práticas de divertimento que perturbavam a ordem pública, destoantes dos interesses de uma crescente burguesia – enriquecida por meio da exploração dos trabalhadores da borracha – que condenava os hábitos “infernais” e “desordeiros” das classes populares. Neste diapasão, o jornal se apresentava como instrumento pelo qual a população fazia suas queixas. Finalizou a nota do periódico trazendo um aspecto de heroísmo às ações repressoras da polícia, necessárias para impedir “energicamente esses batuques tão attentatórios da moral e do socego público”.

Quase duas semanas antes, o mesmo *Jornal do Commercio* (16/08/1910, p. 1) já convocara a polícia para impedir a continuidade de um samba na mesma rua Dr. Moreira. Segundo o jornal, o samba ocorria em noites de sábado e domingo, “provocando arruaças, e até, muitas vezes, sendo causa eficiente de bárbaros assassinatos e outras lamentáveis desgraças”. A desordem causada pelo samba “movido á sanfona, ao derriço do batuque intrépido”, mereceu um espaço importante no periódico, segundo o qual, este “batuque soneroso” gerava conflitos nas “ruas mais concorridas da cidade”, pois, “as pagodeiras desenfreadas” impediam o sono daqueles que buscavam “a casa como um doce repouso”. Sendo assim, para o articulista do periódico, era necessária uma ação mais energética para exterminar o samba, pois “não mais condizem com a moral de nossos hábitos e costumes”. Ao apresentar os sambas na coluna “moscas”, a intenção do jornal é mostrar o quão incômodo poderiam ser eles aos moradores da capital da borracha.

Como se pode notar, as notícias mencionam o termo *batuque* para fazer referência aos males provocados pelo samba. Adriano Tenório (2021), ao pesquisar sobre

os cultos pretos em Manaus, identificou que o verbete *batuque* era usado para se referir tanto às religiões de matrizes africanas como às festas populares que usavam tambores em suas práticas.

Sergio Ivan Braga (2002) investigou em vários escritos sobre a Amazônia a presença de *batuques* em diversas manifestações ritualizadas por escravos, com destaque para a viagem dos naturalistas Spix e Martins, em cujos relatos descrevem a presença de lundus e *batuques* na atual cidade de Belém, no Pará, como lazer reprimido de escravos negros, que aparentemente terminavam em arruaças. Assim, segundo o autor, o termo é utilizado para a “negação da música negra que se expressa nos ritmos dos tambores e na corporeidade da dança, percebida pelos autores como sinônimos de barulho, lascívia e desordem” (BRAGA, 2002, p. 145).

Em *Guerreiros da Pândega: batuques negros e encontros de bumbás em Belém*, Antonio Mauricio Costa observou que bumbás, sambas e *batuques* eram apresentados pela imprensa paraense, nas primeiras duas décadas do pós-abolição, como práticas de degeneração de negros, sinônimas à desordem e à subversão. Portanto, esses grupos festivos eram sempre noticiados como casos de polícia, por formarem “bandos de semisselvagens de indivíduos desclassificados” (COSTA, 2021, p. 251).

Em semelhante análise, Carolina Martins (2021, p. 330), ao estudar sobre as festas negras e populares e suas complexas relações com a imprensa do estado do Maranhão, encontrou inúmeras queixas sobre os *batuques* dos grupos de Bumba meu boi, sob a justificativa de que eles causavam muito barulho, incomodando a vizinhança, “porém, nota-se que, na realidade, o que incomodava era a presença do folguedo e o que ele representava aos olhos das elites, ou seja, a selvageria, a barbárie e a negação daquilo que era considerado civilizado”.

Particularmente, esses aspectos marcados pela instituição da República também podem ser observados nos apelos do *Jornal do Commercio* para que a polícia agisse contra os sambas. Ora, a presença dessas práticas na “Paris dos Trópicos” era considerada “incivilizada”. As notícias veiculadas pelo periódico, com teor sensacionalista, tinham um objetivo claro: imputar aos sambas a imagem de uma prática que ameaçava a segurança pública. A ideia era reforçar a presença da polícia para resguardar os valores reivindicados pelo projeto republicano de progresso, a contrapelo, os momentos importantes de lazer experienciados pelos trabalhadores eram primitivos. Logo, a “redefinição da hierarquia entre setores dominantes e subalternos da sociedade” (COSTA, 2021, p. 246).

Significativo, neste sentido, é o episódio ocorrido nas “festas profano-religiosas do Felipe”, realizadas na Praça 14, no bairro Cachoerinha, noticiado pelo mesmo periódico. Sob o subtítulo “Dois “devotos” vão às vias de fato sahindo com duas navalhadas”, a reportagem do *Jornal do Commercio* (30/03/1913, p. 2) fala sobre a “festa profana de caráter religioso” promovida anualmente por Felipe Beckman, “muito apreciada pelas classes inferiores da nossa sociedade”. “A festa do Felipe” festeja o santo de sua devoção. Contudo, segundo o articulista, havia algo após a novena que tornara a festa religiosa em profana: “o baile – ou melhor, o ‘samba’ saracoteado no barracão aberto”. Os sambas eram causadores das confusões, pois enquanto os “devotos” dançavam, tomavam goles da “branquinha” e outras bebidas variadas. As graves

consequências causadas foram dois golpes de navalha envolvendo Olympio Pereira, o agressor, e Cyrillo da Cruz, a vítima, ferida no ombro esquerdo e na região da cabeça, próximo à orelha esquerda.

Múltiplos significados podem ser visualizados na reportagem. Os sambas, expressões de sociabilidades e lazer experienciadas por populares em várias partes da cidade, ganhava contornos mais amplos. A nota condena o samba incidentalmente. O que o jornal está fazendo é condenar a festa ao santo como um todo, e usando o samba como instrumento para isso, pois ele seria o motivo dos conflitos entre os populares na festa que está “nos annaes da história dos subúrbios manauenses”. A festa é lida pelo jornal como profana, antes de ser religiosa. Quero chamar atenção para uma camada mais profunda de análise. O jornal está condenando, sorrateiramente, todo o evento, não apenas o samba. Como não poderia deixar evidente os verdadeiros motivos (ser festa de preto), por ser popular entre as “classes menos favorecidas”, o jornal está “maquiando” a escrita!

Em rápida pesquisa digital pelo nome “Felippe Bekcman”, no mesmo *Jornal do Commercio*, aparecem notícias sobre a festa do “glorioso São Benedito” organizada por ele há muito anos, com uma “missa com grande instrumental na igreja da Matriz” (JORNAL DO COMMERCIO, 26/04/1908, p. 1). Até então, positivamente divulgada pelo jornal, a festa perdera seu apelo religioso quando sai das barras do catolicismo, ou seja, da matriz. O uso de aspas na palavra *devotos*, para se referir aos indivíduos que dançavam e bebiam na festa, evidencia as suspeitas do articulista do periódico de que, de devotos, eles não tinham absolutamente nada, pois “uma constante romaria de povo em massa que para ali se dirige menos com o intuito de prestar homenagem ao patrono exlcelso de que se divertir” (JORNAL DO COMMERCIO, 30/03/1913, p. 2).

Ao que tudo indica, o jornal não acreditava na festa enquanto algo católico, mas como não ficaria bem dizer isso, constrói, pela linguagem, um modo de atacá-la. Por isso, insisto que o samba não é o alvo principal. Ele é um instrumento para atacar o povo preto. Vale lembrar que em 2014, o bairro Praça 14³ foi reconhecido como o segundo quilombo urbano do Brasil, não por acaso, graças aos festejos a um santo preto: São Benedito.

Conforme escreveu Vinícius da Rosa (2018), Felipe Beckman, ex escravo, oriundo no Maranhão, teria ido para Manaus antes mesmo da Família Fonseca, considerada a fundadora do local⁴. Os membros dessa família foram para Manaus imediatamente após a abolição da escravidão, a convite de Felipe e também do governador Eduardo Ribeiro, que recrutava trabalhadores para a construção de obras públicas: Teatro Amazonas, Palácio da Justiça, Reservatório do Mocó, entre outros. Estabelecidos na então Praça 14, que à época, era um lugar longínquo, denominado de “Vila dos Maranhenses”, Felipe, que tinha levado a imagem do santo para Manaus,

³ A Praça 14 de Janeiro é considerada também o berço do Samba, devido ao seu pioneirismo no carnaval, com a fundação da “Escola Mista de Samba da Praça 14”, em 1947, e depois com a fundação da Escola de Samba Vitória Régia, em 1975. O bairro também ficou reconhecido como palco de outras manifestações culturais festivas: o boi Caprichoso, a Tribo das Andirás, as Pastorinhas e o Pagode do Quilombo (ROSA, 2018).

⁴ Segundo Vinícius Rosa (2018), os motivos da ida de Felipe Beckman para Manaus são desconhecidos.

começou a fazer a festa de São Benedito em um barracão da comunidade, com danças e músicas, como forma de cumprir a promessa que havia feito ao santo, caso sua esposa, dona Maroca, ficasse curada de uma enfermidade. Vinícius da Rosa (2018) ainda ressalta que, em 1896, governador Eduardo Ribeiro, negro e natural de São Luís, comprou um lote de terras e doou a Felipe Beckman, hoje, localizado na av. Japurá, bairro Praça 14 de Janeiro. Felipe era amigo de dona Severa, a matriarca da família Fonseca, sendo padrinho de uma das filhas dela.

Essas informações são muito interessantes para analisar. O jornal se vale da linguagem para desqualificar as festas protagonizadas por pessoas negras. Importante observar a "sutileza" do articulista no "festa profana de caráter religioso"! A festa, antes de religiosa, é profana! Isso certamente está ligado a pelo menos três fatores: organizada por pessoas negras, em homenagem a um santo que é negro e que também é padroeiro dos seringueiros! Para os articulistas, isso deveria ser uma aberração aos projetos civilizatórios manauaras! O ataque também se dá pelo "não dito". Ao não explicitar a cor da pele dos organizadores, ele dissimula que o ataque se deve também a cor dos devotos e até mesmo do santo. É um racismo que, por não poder ser escancarado pelo fato de ser uma festa significativa para a população, faz-se pela dissimulação, pela invisibilização. Ataca-se o povo preto sem dizer abertamente que é por isso: é pelo samba (que, ora, ora, é de preto!)

Carlos Eduardo Costa constatou que práticas culturais, a exemplo da folia de reis, no Rio de Janeiro, eram maneiras de reconstruir vínculos de pessoas negras que tinham migrado do nordeste brasileiro para a região metropolitana carioca, nas primeiras décadas do pós-abolição, construindo suas redes sociais nesse novo espaço. Assim, "nesse processo, estava em construção uma nova identidade, que nada tinha mais a ver com o local de origem, mas o da experiência recente: a migração" (COSTA, 2020, p. 202).

Nessa perspectiva, penso que aqui estamos diante de uma experiência outra em Manaus: o festejo de São Benedito me parece ter sim a ver com o local de origem. O santo é feito da madeira oriunda do Maranhão e certamente tem a ver com as saudades da terra. Ao se cultuar um santo preto, tem-se um resquício dos cultos negros maranhenses. Ao se cultuar um santo preto, tem-se uma ressignificação com a terra, tendo em vista que isso lembra o deslocamento forçado pelas condições de pobreza. Não é algo natural. A festa de santo em meio a sambas e batuques é o deslocamento do Maranhão para o Amazonas, um quilombo que se faz no espaço geográfico e no corpo que ginga no samba. Refletindo sobre tais perspectivas, é possível dizer que a festa do santo com a presença de samba, diga respeito aos "ritos, principalmente comemorativos, [que] têm efeitos holísticos e desempenham funções instituintes de sociabilidades, ultrapassando o problema da fidelidade" (COSTA, p. 2020, p. 210).

Seguramente, o caso ocorrido na festa do Felipe ganha notoriedade no jornal por se tratar de um espaço frequentado por trabalhadores negros e "suburbanos", ou seja, pelas "classes inferiores da nossa sociedade". Registra-se aqui, que o mesmo jornal, em primeira página, já tinha alertado a população sobre o samba ser "uma perigosa dança, formada quasi sempre pela *rafamêa* que se embriaga e commete desatinos" (JORNAL DO COMMERCIO, 16/08/1910, p. 1 grifo meu). O jornal já faz uma leitura de

classe, e isso é importante de ser ressaltado, porque agora eles colocaram tudo no balaio: preto, pobre, nordestino etc.

Essa situação se assemelha a algumas observadas por Leonardo Affonso Pereira (2002). Aos olhos das autoridades policiais, os conflitos ocorriam em clubes dançantes cariocas frequentados por negros e mestiços, pessoas de “baixa renda”. É o caso do clube “Couraceiros”, onde ocorreu um desentendimento entre o pintor Januário e o marceneiro Nestor Pires, ambos “frequentadores assíduos desse clube”, que resultou em “uma desafiadora troca de palavras”, e posteriormente em “trocas de navalhadas”. Foi então que Januário “sacou um revólver com o qual acertou dois tiros mortais o oponente”. “Embora os participantes do baile tenham ajudado a capturar o assassino, perseguindo-o aos gritos pelas ruas da região, eram todos igualados em uma mesma suspeição” (PEREIRA, 2002, p. 423). Tanto os sambas quanto os divertimentos do clube Couraceiros enfrentaram um período de crescente oposição.

O episódio dos desentendimentos entre Cyrillo e Olympio pode ser compreendido com base nas interpretações de Sidney Chalhoub (2012) sobre os crimes ocorridos entre populares nos botequins cariocas. Para o autor, não se pode imputar motivos fúteis às rixas, pois, “na documentação coligida e analisada, a rixa seria mais bem definida como uma situação de tensão mais ou menos prolongada no tempo que levará ao desafio e, finalmente, ao conflito entre os contendores” (CHALHOUB, 2012, p. 310). Sob este prisma, é clarividente que nem o samba e nem a embriaguez poderiam ser responsabilizados pelas desavenças entre os dois. Trata-se apenas de uma gota d’água.

Os sambas pareciam mesmo “infeccionar” todos os cantos da cidade. Na coluna “queixas do povo”, o denunciante pede providências “contra um samba que, durante a noite e, às vezes de dia, se realiza em um colégio da rua Cearense, canto da rua Ferreira Penna e que muito atormenta a vizinhança” (JORNAL DO COMMERCIO, 23/07/1914, p. 1). Nota-se, portanto, que parte da sociedade manauara compra a narrativa de que os sambas, além de perigosos, eram “infernais”, o que por sua vez merecia atenção da polícia para encerrá-los, especialmente por ser tratar de um caso recorrente na rua Dr. Moreira, antiga rua Cearense, que a essa altura parecer ocorrer também pela parte do dia.

É simbólico lembrar que grande parte dos migrantes nordestinos que vieram para Manaus em busca de melhores condições de vida é de cearenses. Isso também ajuda a explicar o porquê de notícias de sambas vindas do Ceará. Somam-se aí outros registros, no mesmo *Jornal do Commercio*, de confusões e assassinatos envolvendo seringueiros cearenses participando de sambas no Amazonas. Ou seja, sob o epíteto de “cearenses”, estamos falando de pobres, pretos e migrantes. Provavelmente o número era tão grande que batizaram a rua com esse nome: “rua dos cearenses”.

Neste sentido, importante mencionar os estudos de Janote Marques sobre as *festas negras na Fortaleza no final do século XIX*, para quem, os congos, os sambas e os maracatus no Ceará eram momentos de diversão em que os negros aliviavam as tensões e os sofrimentos, ocupavam espaços públicos para realizarem suas práticas de sociabilidades. Ressalta ainda o autor que a persistência do samba, embora de matriz negra, decorre da adesão de outros vários tipos de indivíduos, praticado, na maioria dos casos, nas residências, e, ocasionalmente, em espaços públicos, como ruas e becos. “É

bem verdade que o samba era quase sempre associado à bebida, barulho e violência, sendo reprimido pela polícia” (MARQUES, 2020, p. 116).

Os sambas, objetos de olhares temerosos, pareciam expressar os momentos de descontração não só dos homens, mas também das mulheres. É o que sugere a notícia sobre as irmãs Martins:

Raymunda Martins, Cypriana Martins e Sebastiana Martins, todas as três de pae e mãe, residem á rua dos Andradas, número dez, onde vez por outra deitam água fora do caco. A noite de hontem, a irmandade Martins bebeu a não poder mais, quando estava no auge da bebedeira foi para a rua e o samba começou escandaloso e infernal. Os guardas civis da zona levaram as três irmãs de olhares injectados para o xadrez da rua Deodoro, onde passaram a noite a ouvir estrellas... (JORNAL DO COMMERCIO, 02/02/1917, p. 1).

Cinco anos antes, a participação das mulheres em sambas fora advertida pelo o articulista do mesmo jornal, temendo que o feminismo “que vae pouco a pouco penetrando a nossa terra onde se alastra desde o Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará”, se tornasse uma realidade cada vez mais ameaçadora para os costumes da época, uma vez que:

As mulheres de Manaós, algumas delas, já querem gozar dos mesmos direitos liberaes dos homens, e ahí está porque Anna dos Santos Lopes, Rosa Maria Conceição, Maria Laurentina da Rocha organizaram hontem um “samba” de todos os diabos. As desordeiras por ellas promovidas foram de tal natureza que a polícia, chegando num ápice, as levou de embrulho para a enxovia da primeira. (JORNAL DO COMMERCIO, 26/08/1912, p. 1).

Talvez se possa pensar que essa notícia, na forma de protesto e de prevenção, seja o reflexo da já conhecida participação de algumas mulheres nessas diversões, conforme registrou anos antes o *Jornal do Commercio* (11/11/1907, p. 2), ao noticiar o “samba quente” realizado ás 22 horas por “muchachos e bailadeiras”, na avenida Silvério Nery. “Lá achavam-se Eduardo Inglez Pinheiro, Martin Fernandes, Josepha Farrafia, Manuela Noguera e Rosa Noguera que faziam um barulho infernal com o sapateado. A nota finaliza que o samba incomodou a vizinhança. Os dançarinos foram multados “em vinte platas cada um”. Isto é, a presença de mulheres nos sambas não era novidade.

Quem sabe, para o articulista, o caso de Anna, Rosa e Laurentina era prova cabal de que cada vez mais penetrava o feminismo na cidade, a ponto de mulheres passarem a organizar um samba. Assim, o feminismo, que se expressava nos divertimentos das mulheres por meio de sambas, era um mal a ser combatido, pois nada tinha de positivo. Essa postura, inclusive, fugia da normalidade imposta na *Belle Époque* amazônica e dos padrões impostos às mulheres por uma sociedade historicamente patriarcal. De todo modo, percebe-se que o destino dos/as participantes de sambas era sempre o mesmo: o xadrez. E, em caso da organização destes por mulheres, um único local possível para elas: a enxovia, isto é, a parte da prisão para abrigar crimes de alta periculosidade!

Interessante ver mais características do *Jornal do Commercio*: conservador, autoritário, eurocêntrico, racista e instrumento das elites. Por extensão, conseguimos ver a classe a ser combatida: negros, mulheres, pobres, migrantes e quaisquer coisas que venham das culturas por eles e elas produzidas. Isso implica que não é demais

pressupor que provavelmente as mulheres condenadas pelo jornal possam ter outros marcadores sociais para além da pobreza. A chance de serem negras são grandes!

Em São Luís, Carolina Martins (2021) identificou que as mulheres envolvidas na organização de sambas eram frequentemente alvos das reclamações noticiadas pelos jornais, caracterizando-as como mulheres da “pá virada”. Por falar em categorias morais, o segundo caso mais antigo que encontrei na imprensa amazonense reforça a associação da prostituição feminina aos sambas:

O botequim Rita tem na sua dependência alguns cortiços, diz o nosso informante, ocupados por meretrizes, e são estas que atraem a concorrência, que dão lugar aos sambas e em geral ás desordens, que põem em sobressalto as famílias visinhas e que, por isso, não se sentem tranquilladas e garantidas. Não há só uma noite em que não haja orgias, que muitas vezes só terminam no amanhecer. (QUO VADIS?, 21/01/1904, p. 02).

A imprensa, ao mesmo tempo como fonte e agente da história, rediscute questões morais, de gênero e de classe, pois, mesmo em um Estado que se intitulava republicano, com vieses de modernidade e de progresso, parece ser necessário reprimir o que depois viria a ser denominado de “feminismo”, especialmente se for uma experiência de mulheres pobres da cidade. Ademais, o jornal *Quo Vadis?*, que se apresentava como “órgão de interesses populares”, era, na verdade, um instrumento burguês de perseguição a essas mesmas mulheres. Talvez, isso explique o fato de elas aparecerem em maior número nas páginas policiais como “autoras de ‘estardalhaços’ pela cidade, confusões, conflitos, brigas por causa de ciúmes entre seus companheiros ou clientes, disputas por pontos comerciais no caso das vendedoras ambulantes, ‘querelas’ entre vizinhas, bebedeiras, homicídios” (CAMPOS, 2010, p. 64).

Luciane Campos (2010) assinalou que nas primeiras décadas do século XX, em Manaus, a casa ainda era o espaço determinado às mulheres; aos homens, era indicado o trabalho externo, sendo ele o provedor da casa. Do contrário, era desonroso para o homem a ajuda financeira vinda de sua esposa. Contudo, ressalta a autora que as condições de pobreza enfrentadas por muitas mulheres, muitas das quais, solteiras, viúvas ou separadas, faziam com que elas buscassem trabalho fora de casa para o sustento dos filhos: lavadeiras, vendedoras ambulantes, prostitutas etc. Essa busca por independência financeira não era bem vista, uma vez que concorreriam com os homens em uma época em que elas eram visualizadas como inferiores, inclusive, intelectualmente. Por isso, os apelos da imprensa à intensificação da repressão. Além disso, uma questão de gênero salta aos olhos: reforçava-se a sociedade patriarcal e os esterótipos de gênero, uma vez que as mulheres condenadas são aquelas que não se encaixam nos padrões femininos da época.

Cabe ainda, neste texto de artigo, o trabalho de pesquisa de Barbara Lira (2014) sobre [representações das práticas de prostituição na cidade de Manaus, no final do século XIX e início do XX](#). Segundo a autora, o discurso disciplinador e moralizador da imprensa demonstrava que a prostituição fazia parte, junto a diversos delitos e outros crimes, de importantes preocupações do poder público, sendo necessário o controle dessas práticas como meio de proteger os interesses da sociedade manauara – das classes dominantes. Ao se atacar as prostitutas, ataca-se a classe trabalhadora. Afinal, retirando-os os olhares moralizados, restam mulheres que ganham o pão como qualquer

outra pessoa. Ou pior, retrata-se uma condição de miséria do período, ao se pensar que o corpo torna-se o instrumento de labor, ou seja, não há opções para viver dignamente se não um trabalho demonizado pela sociedade.

Embora não tenha registrado o emblemático episódio do “Botequim Rita”, as análises de Barbara Lira alusivas aos discursos da imprensa são importantes para compreender que os jornais condenavam sumariamente as práticas e os modos de vida das mulheres populares que, aos olhos da “modernidade”, afetavam a moral pública: os sambas e a prostituição. Observa-se ainda na notícia a presença constante de mulheres e de homens nesses botequins, que atrapalhavam o sossego dos moradores vizinhos que “procuram uma casa para mudar-se, por não poderem, por mais tempo, tolerar o que alli passa”, uma vez que nada fora feito para prevenir “a prática de delictos que não poderão ser evitados, se continuarem os factos que deixamos referidos”. A notícia do *Quo Vadis?* é, na verdade, uma convocação aos órgãos maiores de segurança pública, tendo em vista que não seria a primeira vez que o samba infernal “tomou proporções assustadoras, havendo e tiros, gritos, etc” (QUO VADIS?, 21/01/1904, p. 02).

Sidney Chalhoub (2012, p. 312) ressaltou que o botequim era um espaço aglutinador e difusor de informações dos populares, assim como para “o surgimento e desenrolar de rixas e conflitos pelos mais variados motivos, desde problemas ligados ao trabalho e a habitação, passando para questões de amor e de relações entre vizinhos, até contendas por motivos mais especificamente ligados ao lazer”. Com efeito, os botequins, localizados em lugares estratégicos – próximos ao Porto de Manaus –, despontam como uma gama de possibilidades para compreender o significado desses espaços para trabalhadores, sugerindo que nesses locais experienciavam sociabilidade, lazer e, mesmo, prazeres sexuais, e extravasavam diante da rotina de condições de trabalho desumanas e degradantes. Sob efeito do álcool, provavelmente todos os dilemas emergiam em forma de “violência”.

Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015, p. 49) ressaltou que o porto de Manaus fazia parte de “uma política governamental que previa a reestruturação e modernização dos portos do país”, sendo um espaço diversificado devido ao intenso trânsito de pessoas. Paula Dantas (2014) observou que, em locais como esses, constantemente vistos como cenários propícios à criminalidade, a ação policial em Manaus era mais incisiva para combater práticas de cultura popular consideradas “perniciosas”.

Não posso deixar de mencionar, mais uma vez, os Códigos de Posturas Municipais para lembrar do artigo 146, do capítulo XI, de 1896, sobre a multa aos donos de estabelecimentos comerciais que permitissem a permanência de pessoas em estado de embriaguez no local (SAMPAIO, 2016). Eventualmente ocasionada por conta dos sambas, a embriaguez, além de alimentar os desejos sexuais de trabalhadores e a proliferação de meretrizes, provocava a criminalidade. Esse cenário parece evidenciar uma outra cidade, distante daquela imagem de “modernidade” e “progresso” da “Paris dos Trópicos”. Decerto, percebe-se em Manaus um cotidiano de total intolerância às diversões populares. Afinal, “o samba é ruído, algazarra, o amotinamento, a desordem, a intemperança agindo pela calaçaria que palavreia solecismos tôrpes e cospe obscenidades...” (JORNAL DO COMMERCIO, 16/08/1910, p. 1). Atribuía-se aos sambas, portanto, tudo que uma sociedade moderna condenava! Projetava-se no samba toda a

série de infortúnios de uma cidade que não se planejou para propiciar condições dignas de vida aos seus habitantes. Ao invés de saúde, educação, moradia, o expurgo!

Julgo ser a simbólica a década de 1910 para pensar sobre a crescente estigmatização aos sambas, de perigosos e violentos. Para se ter uma noção, somente nos anos 1911 e 1915 não há registros quaisquer sobre a presença de sambas no *Jornal do Commercio*. Assim, nos demais anos, especialmente os últimos, os sambas são retratados definitivamente nas colunas que se dedicavam às “Coisas Policiais”, com títulos cada vez mais sensacionalistas e destacados em primeira página, conforme é possível ver na notícia abaixo transcrita:

Um samba arreliado: ao som de um desafinado de um violão, tangido pelo marítimo Francisco Laureano Ferreira, achavam-se reunidos, hontem, no frége Viteoria, a rua dos Remedios, homens, mulheres e creanças. Quando o samba estrondava, acompanhado de um berreiro infernal apareceram dois guardas civis que estragaram a festa. Foi um fecha-fecha. Uns correm para aqui, outros para alli, uma barafunda de mil de demônios. Afinal os guardas sempre conseguiram abecar o tocador com seu *pinho*. Raymundo Custódio e Marianna Souza. O resto dos convivas azulou e ainda a estas horas está no matto. (JORNAL DO COMMERCIO, 10/01/1919, p. 1 grifo do jornal).

É neste campo de narrativas que os sambas ganham plenamente significação. Com o intuito de negatizar a diversão de trabalhadores, como a do marítimo Francisco, a notícia se apropria de vários termos para atingir seu objetivo. A começar pelo título, é possível perceber o caráter violento atribuído aos sambas, com o emprego da palavra “arreliado” para adjetivá-lo. Segundo o Dicionário Online de Português, o verbete significa aquele que “procura confusão”, “brigão” – amigo das rixas. Portanto, uma diversão perigosa! Deve-se, então, evitá-la! Outras duas expressões usadas no texto perfilam mais ainda o suposto caráter negativo dos sambas: “barafunda” e “demônios”. Seguindo a lógica da notícia, os sambas seriam, por conseguinte, práticas “desordeiras” e “infernais”, com conotação criminosa. Uma imagem construída pela imprensa nada desprezível.

Eric Brasil Nepomuceno, ao escrever sobre os *Diabos encarnados* nos carnavais do Rio de Janeiro, nos finais do século XIX, investigou os significados do verbete “diabo” nos dicionários de Língua Portuguesa – um de 1813, de Antonio de Moraes Silva, e o outro, atual –, e constatou pequenas, porém, instigantes diferenças. “No dicionário contemporâneo, *diabo* perdeu o significado de “homem muito sabido, vivo” (NEPOMUCENO 2011, p. 451, grifo do autor).

Apropriando-me do significado mais antigo do termo, é possível inferir que, mesmo diante dos efeitos traumáticos do projeto de repressão orquestrado pela burguesia, propagado pela imprensa e combatido violentamente pela polícia, os apreciadores dos sambas, homens, mulheres e crianças – especialmente racializados e pobres –, insistiam “sabiamente” em manter “vivas” as suas práticas rítmicas e corporais de lazer. Subsistiu, em Manaus, portanto, no período “civilizador”, os sambas, ou melhor, as “pagodeiras desenfreadas”! Em outras palavras, a exclusão social, a repressão policial e a resistência popular caminha(ra)m juntas!

Considerações finais

Como foi possível perceber, as notícias analisadas neste artigo nos informam muito mais sobre os interesses dos jornais burgueses do que propriamente uma compreensão sobre as particularidades das práticas de sambas, ainda que algumas notícias tenham registrado alguns agentes de sambas e instrumentos de percussão, como o violão/pinho, a sanfona e o que caracteriza o batuque: o tambor. Carece, portanto, de mais pesquisas neste sentido.

Convém lembrar que somente no final dos anos 1920 e, particularmente, na década de 1930, na Era Vargas, que o samba, já firmado como gênero musical, deixa de ser artefato da cultural marginal para começar a despontar como símbolo musical da cultural nacional⁵ (PARANHOS, 2003; AZEVEDO, 2018). Como nas outras regiões do país, em Manaus, os sambas eram alvos constantes da polícia, que incessantemente trabalhava para combater a criminalidade – das classes populares. Aliada desse projeto civilizador, estava a imprensa jornalística a serviço das intenções das elites empresariais, intelectuais e políticas. Os jornais amazonenses contribuíram para estigmatizar essas formas de lazer, cujas narrativas reivindicavam uma cidade onde não eram mais aceitáveis expressões culturais identificadas como “infernais”, “infeciosas”, “atrasadas” e “obscenas”, revelando um histórico de opressão pelo qual passa(ra)m as populações mais pobres da cidade, muito das vezes, visualizadas como “classes perigosas”⁶.

Nas notícias dos periódicos amazonenses, referências raciais foram encontradas de forma explícita com no samba da Benedicta “cara preta”. No caso do samba realizado durante a “festa de Fellipe”, podem não ser explícitas, mas isso não retira o caráter violento da notícia e o uso proposital feito pelo jornal. O samba era uma das formas de lazer em boa parte praticado por negros maranhenses que migraram para Manaus, ainda no final do século XIX, no local onde cem anos depois seria reconhecido como Quilombo de Barranco de São Benedito.

Ademais, ao se analisar interseccionalmente, os jornais já sabiam onde estavam os redutos de gente que era concomitantemente migrante, pobre, preta, mulher, prostituta... Assim, para além de um local de resistência, os sambas eram vistos como um “foco” onde se podiam eliminar toda a escória da sociedade em nome do ideal civilizatório da *Belle Époque*. Os sambas em Manaus eram verdadeiros redutos das classes subalternizadas, assim, para além de defender um projeto civilizatório, os jornais atacavam esses redutos com um claro objetivo eugenista: conclamava a polícia a dar fim aos seres humanos que não podiam fazer parte da manaus parisiense, possibilitando importantes reflexões para compreender a imposição de uma nova ordem

⁵ Conforme Ângela de Castro Gomes e Martha Abreu (2009), a valorização da cultura afro-brasileira e da indígena foi uma estratégia política populista para dar legitimidade ao período ditatorial varguista, iniciado com autogolpe de Getúlio Vargas, período então denominado “Estado Novo”.

⁶ Termo elaborado pelas elites para se referir aos trabalhadores da primeira metade do século XIX que resistiam à incorporação das relações de produção ditadas pelo capitalismo industrial, isto é, passaram, em suma, de “classe laboriosa” para “classe perigosa”. Para mais informações, ver Guimarães (2008).

produtiva e a consequente criminalização dos comportamentos de trabalhadores que fugissem ao ideal de assalariamento.

De todo modo, os sujeitos históricos envolvidos nos sambas recusaram os papéis negativos atribuídos a eles, não só os habitantes da cidade de Manaus, como também os das regiões rurais do estado, onde os sambas eram expressão de lazer, possivelmente, uma forma de aliviar as tensões e as solidões provocadas pelo intenso trabalho nos seringais da Amazônia. Ao que tudo indica, o Estado, ao usar “repelentes”, eventualmente desencorajavam a presença das “moscas”, porém, mal sabia, não as exterminaram! Pelo contrário, tornaram as moscas “resistentes” a esses repelentes, que infeccionaram todas as classes, inclusive as dominantes, que não dispensam uma boa roda de samba.

Referências

A MARRETA. *Cousas Cabulosas*. Edição 0012. Manaus, 19/01/2013.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 70, p. 44-58, 2018.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os bois-bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 3 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Guerreiros da pândega: batuques negros e encontros de bois-bumbás nos jornais de Belém do Pará no pós-Abolição (1888-1908). *Tempo*, v. 27, p. 247-268, 2021.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. *Faltam braços no campo e sobram pernas na cidade: famílias, migrações e sociabilidades negras no pós-abolição no Rio de Janeiro (1888-1940)*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 35, n. 2, 2007.

DIARIO OFFICIAL. *Segurança Pública*. Edição 00701. Manaus, 30/04/1896.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. 3ª edição – Manaus: Editora Valer, 2019.

GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia. *Revista Tempo*, v. 13, n. 26, p. 1-14, 2009.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *As classes perigosas: banditismo urbano e rural/ Alberto Passos Guimarães, 1908-1993*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. (revisitando o Brasil; v. 1).

JORNAL DO COMMERCIO. *As festas profano-religiosas do “Felippe”*. Edição 03205. Manaus, 30/03/1913.

JORNAL DO COMMERCIO. *As queixas do povo*. Edição 03678. Manaus, 23/07/1914.

JORNAL DO COMMERCIO. *Coisas policiais: um samba arreliado*. Edição 05279. Manaus, 10/01/1919.

JORNAL DO COMMERCIO. *Em um samba – panellada fatal*. Edição 02886. Manaus, 03/05/1912.

JORNAL DO COMMERCIO. *Na polícia: samba quente*. Edição 01304. Manaus, 11/11/1907.

JORNAL DO COMMERCIO. *No Inauhiny novo assassinato a registrar-se*. Edição 04636. Manaus, 22/03/1917.

JORNAL DO COMMERCIO. *O samba*. Edição 02288. Manaus, 16/08/1910.

JORNAL DO COMMERCIO. *Ocorrências*. Edição 03001. Manaus, 26/08/1912.

JORNAL DO COMMERCIO. *Religião: Festa de S. Benedito*. Edição 01468. Manaus, 26/04/1908.

JORNAL DO COMMERCIO. *Samba arreliado!*. Edição 02301. Manaus, 29/08/1910.

JORNAL DO COMMERCIO. *Todas as três no xadrez*. Edição 04589. Manaus, 02/02/1917.

LIRA, Bárbara Rebeka Gomes de. *A difícil vida fácil: o mundo da prostituição e suas representações na cidade de Manaus (1890-1925)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

MARQUES, Janote Pires. *Festas negras na Fortaleza do final do século XIX*. In: FUNES Eurípedes A.; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). *Histórias de Negros no Ceará* [recurso eletrônico] - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020, p. 107-131.

MARTINS, Carolina. *A imprensa e as festas populares e negras na Ilha do Maranhão (1880-1929)*. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 18, n. 32, p. 327-249, 2021.

MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados de liberdade no Sudeste paulista (Brasil, século XIX)*. 3ª ed. ver. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

NEPOMUCENO, Eric Brasil. *“Diabos encarnados”*: carnaval, liberdade e racialização (1880-1900). In: ABREU, Martha; PEREIRA, Mateus Serva (orgs). *Caminhos da Liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil – Niterói*: PPGHistória – UFF, 2011, p. 450-468.

O CHICOTE. *Reviravoltas*. Edição 0014. Manaus, 04/10/1913.

PARANHOS, Adalberto. *A invenção do Brasil como terra do samba: os sambistas e sua afirmação social*. *História (São Paulo)*, v. 22, p. 81-113, 2003

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *E o Rio dançou. Identidade e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922)*. In CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.).

Carnavais e outras f(r)estras: ensaios da história social da cultura. Campinas, SP: Editora UNICAMP, CECULT, 2002, p. 419-444.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Imigração, trabalho e imprensa em Manaus, 1890-1928. *Revista Litteris*, n.14, p. 1-21, 2014.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. 3ª ed. – Manaus: FUA, 2015.

QUO VADIS?. *Queixas do povo*. Edição 00265. Manaus, 21/01/1904.

REIS, João José. Tambores e Tremores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estras: ensaios da história social da cultura.* Campinas, SP: Editora UNICAMP, CECULT, 2002, p. 101-156.

ROSA, Vinícius Alves da. *A Comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus: processos para o reconhecimento do território quilombola*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar Em Ciências Humanas) - Universidade Estadual Do Amazonas, Manaus, 2018.

SAMPAIO, Patrícia Melo (org). *Posturas Municipais, Amazonas (1838-1967)*. Manaus: EDUA, 2016.

TENÓRIO, Adriano Magalhães. *Pajelanças e Cultos Pretos em Manaus (1904 a 1940)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

WEBER, Beatriz Teixeira. *Códigos de posturas e regulamentação do convívio social em Porto Alegre no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.